

Crianças brincam e aprendem

A sala de aula tem *clothes* penduradas em um varal, *pictures* na parede e uma *teacher* simpática. Depois do *good morning*, the children cantam *songs* diferentes, participam de *games* divertidos e se preparam para *activities* out, como passeios no *supermarket*, onde compram *green tomatoes*, *milk* and *candy*. Quem descreve em português e inglês a escola Red Balloon e seu método de ensino são os próprios alunos, crianças de três a 12 anos, que aprendem, brincando, a língua inglesa. "Gosto mais das *songs*", diz Renata Fridman, de sete anos. "Prefiro os *games*", afirma Patrick Cohen, de 12 anos, enquanto a pequena Lucila Costa Magalhães Lobo, de quatro anos, explica que a figura desenhada é uma *blouse*.

Fundada há 19 anos, a Red Balloon introduziu o inglês nas atividades cotidianas das crianças, fazendo com que a nova língua seja compreendida naturalmente. "O método é dividido por faixas etárias, onde as crianças aprendem o nome inglês das coisas com que convivem e conhecem, como a boneca, o jornaleiro e a família. Através das atividades, elas se interessam pela língua, e absorvem os ensinamentos rapidamente, da entonação à gramática, sempre expandindo o vocabulário", explica Raquel Jelen Lam, orientadora do curso.

Mas aproximar a língua estrangeira da realidade do aluno é uma busca constante na maior parte das escolas, e o método de compreensão da gramática através do uso do idioma, a base de muitos cursos da cidade.

"Quanto mais real for a conversação, maior compreensão o aluno terá da língua. Não adianta aprender palavras soltas. É necessário que haja um entendimento do sentido das frases, o que só é alcançado quando a língua estrangeira é transportada até a realidade do aluno, e não o contrário", afirma Robert Bruce de Figueiredo Stuart, responsável pelos cursos de línguas do Senac



Rita Tomelare/ACE

Lucila explica: é "blouse"

É isso que vem sendo feito pelos alunos e professores da Seven, uma escola aberta em março de 1987 e que utiliza o método Spectrum, que põe toda a ênfase do aprendizado na conversação. Nas aulas, músicas que tocam geralmente nas rádios são ouvidas com um interesse particular: aproximar a pronúncia dos alunos do inglês falado pelos nativos. Situações corriqueiras, como alugar um quarto de hotel, são encenadas,

facilitando o aprendizado. Há poucas semanas, os alunos simularam diálogos e atos normais de passageiros em aeroportos, e houve até quem fosse deportado. "Tudo foi abordado, do serviço de imigração à alfândega", explica Cristina Junqueira Zancopé, assistente de marketing da escola.

Esse método também é utilizado pelas escolas Berlitz, que apostam na conversação e ensino personalizado do aluno. Suas turmas raramente atingem o número de oito, e 73% de todas as aulas são dadas individualmente. Especializada no atendimento de executivos e na formação de cursos especiais para empresas, a Berlitz iniciou no Brasil as chamadas aulas de imersão, onde o aluno passa semanas inteiras falando exclusivamente a língua estrangeira escolhida, atendido por um rodízio de até cinco professores.

"É um verdadeiro mergulho de cabeça", afirma José Cristóvão Martins, de 37 anos, executivo do Unibanco que fez um curso de duas semanas preparando-se para uma viagem de negócios ao Exterior. Antes das aulas, Cristóvão conhecia muito pouco da língua inglesa, só o que aprendeu no curso colegial e em um treinamento feito na própria empresa. "A imersão chega a ser cansativa. Até na hora do almoço fala-se inglês. Mas foi a única forma de aprender rapidamente o idioma. Sem isso, me sentiria perdido até para tomar um elevador", diz ele, confiante para enfrentar reuniões de negócios nos Estados Unidos.